

## CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

1 Quando se pensa em educação popular, logo se  
recorre às ideias do educador e escritor Paulo Freire, que,  
durante toda a sua vida, se dedicou à questão do educar para a  
4 vida, por meio de uma educação voltada para a formação do  
indivíduo crítico, criativo e participante na sociedade.

Na visão de Paulo Freire, a educação como prática da  
7 liberdade, ao contrário daquela que é a prática da dominação,  
implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado  
do mundo, assim como a negação do mundo como uma  
10 realidade ausente dos homens. Os caminhos da libertação só  
estabelecem sujeitos livres, e a prática da liberdade só pode  
concretizar-se em uma pedagogia em que o oprimido tenha  
13 condições de descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua  
própria destinação histórica.

Observe-se que o ser humano, nessa modalidade de  
16 educação, é um sujeito que não deve somente estar no mundo,  
mas com o mundo, ou seja, fazer parte dessa imensa esfera  
giratória, não apenas vivendo, mas construindo sua própria  
19 identidade e intervindo no melhoramento de suas condições  
como cidadão e buscando o direito de construir uma cidadania  
justa e igualitária.

22 Paulo Freire acreditava que a melhor maneira de se  
ensinar é defender com seriedade e apaixonadamente uma  
posição, estimulando e respeitando, ao mesmo tempo, o direito  
ao discurso contrário. Nisso reside o dever de lutar pelas  
25 próprias ideias e, ao mesmo tempo, o respeito mútuo.

Para o autor, o problema central do homem não era o  
28 simples alfabetizar, mas fazer com que o homem assumisse sua  
dignidade como detentor de uma cultura própria, capaz de  
fazer história. O homem que detém a crença em si mesmo é  
31 capaz de dominar os instrumentos de ação à sua disposição,  
incluindo a leitura, dos livros e do mundo.

Paulo Freire. *A educação como prática da liberdade*. 23.ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999 [Resenha]. In: Internet: <www.webartigos.com> (com adaptações).

Com referência às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima,  
julgue os itens de 71 a 79.

71 Na linha 1, mantêm-se a correção gramatical e os sentidos do  
texto ao se substituir a estrutura “Quando se pensa” pelo  
segmento **Ao se pensar**.

72 No primeiro parágrafo, a partícula “se”, nas suas três  
ocorrências, funciona como índice de indeterminação do  
sujeito e pode ser posposta às formas verbais que a  
acompanham.

73 Em “Paulo Freire acreditava que a melhor maneira de se  
ensinar é defender com seriedade e apaixonadamente uma  
posição” (ℓ.22-24), a oração introduzida por “que” exerce a  
função sintática de predicativo do sujeito “Paulo Freire”.

74 O trecho “o problema central do homem não era o simples  
alfabetizar, mas fazer com que o homem assumisse sua  
dignidade como detentor de uma cultura própria” (ℓ.27-29)  
constitui-se de duas orações coordenadas sindéticas e de uma  
oração subordinada reduzida de infinitivo.

75 No segmento “o problema central do homem não era o simples  
alfabetizar, mas fazer com que o homem assumisse sua  
dignidade como detentor de uma cultura própria” (ℓ.27-29),  
seriam mantidas a correção gramatical e a coerência textual se  
fosse suprimida a forma “com” que se segue o verbo “fazer” e  
se fosse alterada a forma verbal “assumisse” por **assuma**.

76 Na linha 2, o termo “que” poderia ser substituído por **cujo**,  
haja vista se tratar de pronome relativo referente ao educador  
e escritor Paulo Freire.

77 Seria correto flexionar no plural a forma verbal  
“dedicou” (ℓ.3), que passaria, assim, a concordar com o  
núcleo do sujeito “às ideias” (ℓ.2).

78 O segmento “voltada para a formação” (ℓ.4) poderia ser  
corretamente substituído por **direcionada à constituição**,  
mantendo-se a correção sintática e a coerência textual.

79 Na linha 8, a forma verbal “implica” aceita dupla regência,  
razão pela qual pode ser seguida por “a”, como no texto, ou  
por **na**, ao reger o elemento “negação”.

1 Com uma bengala na mão e um guarda-chuva na  
outra, o professor de língua portuguesa Júlio César Sbarrais  
caminha com dificuldade pelos corredores da Escola Estadual  
4 Padre Afonso Paschotte, em Mauá, na Grande São Paulo.  
Enquanto os alunos aguardam o início da aula, ele abre a porta  
da classe caracterizado da cabeça aos pés: sapatos  
7 extravagantes, calças coloridas, maquiagem no rosto e um nariz  
de palhaço, fantasia caprichada para arrancar sorrisos dos  
estudantes da 8.<sup>a</sup> série do ensino fundamental.

10 Formado em Letras e em Artes Cênicas, Júlio César é  
o que se pode chamar de artista-docente, expressão utilizada  
para denominar educadores que trabalham com a linguagem  
13 artística em suas práticas pedagógicas. Desde 2007, o professor  
recorre ao palhaço Tinin para tornar as suas atividades com os  
alunos mais lúdicas. “Há uma questão pedagógica e didática na  
16 linguagem teatral. Apesar de o palhaço ser mudo, ele passa as  
regras de convivência em sala de aula. Eu uso lousa e giz, mas  
utilizo o palhaço como uma forma de conquistar o aluno, que  
19 tem de dar conta de muita coisa. Esses projetos são válidos  
no sentido de amenizar a sobrecarga do conteúdo ensinado”,  
afirma o docente.

Frederico Guimarães. *A sala é um palco*. In: *Sala de aula*, ed.199,  
nov.2013. Internet: <<http://revistaeducacao.uol.com.br>> (com adaptações).

No que concerne às estruturas linguísticas e gramaticais do texto  
acima, julgue os itens de **80 a 95**.

**80** Dispostos no primeiro parágrafo do texto, os vocábulos  
“professor”, “portuguesa”, “caminha”, “corredores”,  
“maquiagem”, “palhaço”, “caprichada” e “ensino” contêm  
grupos de duas letras que representam um só fonema,  
constituindo o que se denomina dígrafo, ou digrama.

**81** As palavras “guarda-chuva” e “sobrecarga” são formadas pelo  
processo de aglutinação.

**82** As palavras “língua”, “Júlio”, “início”, “série” e “convivência”  
são classificadas ora como paroxítonas terminadas em ditongo  
crescente, ora como proparoxítonas eventuais ou relativas.

**83** No trecho “pelos corredores da Escola Estadual Padre Afonso  
Paschotte, em Mauá, na Grande São Paulo” (ℓ.3-4), os  
elementos “pelos”, “em” e “na” introduzem circunstâncias  
locativas.

**84** Nas estruturas “Com uma bengala na mão e um guarda-chuva  
na outra” (ℓ.1-2) e “com dificuldade” (ℓ.3), a preposição  
“com”, em ambas as ocorrências, tem o mesmo conteúdo  
significativo e estabelece a mesma função relacional entre os  
termos do enunciado.

**85** No primeiro parágrafo, as formas “Com”, “um”, “na”, “em”,  
“da”, “aos” e “dos” são classificadas como monossílabos  
átomos.

**86** As formas “Mauá” e “conteúdo” são acentuadas em  
decorrência da mesma regra de acentuação gráfica.

**87** No enunciado “o professor recorre ao palhaço Tinin para  
tornar as suas atividades com os alunos mais lúdicas”  
(ℓ.13-15), a forma verbal “recorre” indica que o professor  
contratou um palhaço como forma de melhorar as aulas de  
língua portuguesa, motivo pelo qual o emprego de “suas”  
provoca ambiguidade estrutural, pois se relaciona a dois  
referentes textuais.

**88** A oração “para tornar as suas atividades com os alunos mais  
lúdicas” (ℓ.14-15) está subordinada à oração anterior e indica  
a finalidade do que se declara na oração principal.

**89** No trecho “Apesar de o palhaço ser mudo, ele passa as regras  
de convivência em sala de aula” (ℓ.16-17), a locução “Apesar  
de” introduz uma oração cujo fato nela reconhecido revela uma  
contradição e é subordinado ao fato enunciado na oração  
principal.

**90** A conjunção “Enquanto” (ℓ.5) introduz uma oração  
subordinada adverbial que exprime um fato que é efeito ou  
consequência daquilo que se declara na oração principal.

**91** O enunciado “ele abre a porta da classe caracterizado da  
cabeça aos pés” (ℓ.5-6) configura um período simples,  
constituído de única oração.

**92** Na palavra “artista-docente” (ℓ.11), para maior clareza gráfica,  
caso o hífen da translineação coincidisse, na partição da sílaba  
ao final da linha, com o hífen integrante da palavra composta,  
seria gramaticalmente correto repeti-lo, no início da linha  
subsequente, da forma a seguir: artista-/-docente.

**93** No segundo parágrafo, na oração “que trabalham com a  
linguagem artística em suas práticas pedagógicas” (ℓ.12-13), há  
três palavras com a antepenúltima sílaba acentuada.

**94** Na linha 12, preserva-se a correção gramatical do período ao  
se substituir o pronome “que” por **dos quais** como forma de  
explicitação da relação entre esse pronome e o antecedente  
“educadores”.

**95** A supressão da vírgula imediatamente anterior ao enunciado  
“que tem de dar conta de muita coisa” (ℓ.18-19) manteria a  
correção gramatical do período e os sentidos originais do texto.

1 Prezado senhor ou senhora, residente a uma quadra da PUC, que provavelmente não sabe que seu cachorrinho está com problemas.

De uns dias para cá, durante a manhã e a tarde, temos ouvido o choro dele. Um choro fraco, que começa como um lamento, na forma de ganidos alongados, depois se torna um apelo, misturado com um ou outro latido isolado, depois evolui para um tom de reivindicação, com mais latidos do que gemidos, depois o tom se mostra indignado, com latidos um pouco mais fortes, como se reclamasse “será que ninguém me ouviu?”, e em seguida com raiva, só latidos, como se perdesse a paciência e passasse a xingar, e então não lamenta mais, só xinga. Ao fim de algum tempo, ele para, como cansado; creio que descansa, talvez beba água, e recomeça. É uma pequena voz, sem volume, não terá muito alcance. Como a que tem um bebê humano deixado sozinho.

Devo dizer, senhor, senhora, que isso só acontece durante o dia, pois no fim da tarde o cãozinho se cala. Às vezes se cala na hora do almoço e recomeça um tempo depois. À noite silencia de verdade e só recomeça no meio da manhã seguinte.

Permito-me imaginar que o senhor ou a senhora saia para trabalhar, passe em casa na hora do almoço, volte para o trabalho, retorne no fim da tarde e a partir daí o cãozinho se aquiete, tenha companhia. Suponho que então brinque, faça festas, cumpra seu fado canino. Nesses casos, o dono, ou dona, nem fica sabendo que o bebê chorou, bradou aos céus sua indignação. O abandonado esquece, perdoa, como é próprio dos cães.

Acredito, senhor ou senhora, que esse seja o seu primeiro cachorrinho filhote; atribuo à inexperiência esse abandono durante o dia, à ignorância de que a espécie não suporta a solidão. Ele pode estar cumprindo quarentena antes de ser vacinado, prisão domiciliar, mas, perdão, nunca aceitará ficar sozinho.

Desculpe me intrometer na sua vida, senhora, senhor, mas... a sua rotina com o cão vai ser essa? Ou é uma fase, falta de empregada, filhos ausentes?... Pergunto porque, se o senhor ou a senhora não precisa de companhia durante o dia, ele precisa de alguma.

O cão de companhia é assim: um carente que supre a carência do dono. É como um casamento: quando um não comparece, está na hora de discutir a relação. É o que ele está fazendo.

Atenciosamente...

Ivan Ângelo. *Ao dono de um cachorrinho que chora no bairro de Perdizes*. Veja SP. 4/10/2013 (com adaptações).

A partir das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens de 96 a 104.

96 Em termos de estrutura textual, na crônica apresentada, utilizam-se, ficcionalmente, elementos que compõem a carta de natureza argumentativa e comercial.

97 No último parágrafo do texto, predomina a tipologia textual argumentativa/expositiva.

98 O nível de linguagem empregado pelo autor do texto é adequado às suas intenções comunicativas, haja vista o texto ter sido construído com linguagem que não respeita a norma padrão para atingir um maior número de interlocutores.

99 No texto, predomina a função fática, uma vez que o autor utiliza recursos da língua para chamar a atenção do leitor que é provavelmente o dono do cachorrinho.

100 Na expressão “Suponho que então brinque” (ℓ.12), o vocábulo “então” exerce função coesiva e, semanticamente, está vinculado a uma dimensão conclusiva do discurso do autor.

101 A expressão “fado canino” (ℓ.12-13) pode ser interpretada como **destino de quem é dono de um cão**.

102 As expressões “Permito-me imaginar” (ℓ.11) e “Suponho” (ℓ.12) possuem, no contexto em que aparecem, o mesmo valor semântico.

103 Infere-se do texto que o autor pretende informar ao dono do animal abandonado durante o dia que está disponível para ficar com o bicho de estimação.

104 No segundo parágrafo do texto, é possível identificar um procedimento figurativo relacionado à personificação do cãozinho.

1 Para entender a educação de hoje, nós precisamos olhar para o passado da história. Há 150 anos, pessoas trabalhavam sobre a terra, ao ar livre, com ferramentas produzidas manualmente e em pequenos grupos. Elas não viajavam muito. O trabalho quase não mudava de geração para geração. Filhas faziam o mesmo trabalho de suas mães e de suas avós e suas mães antes delas. Com as mesmas  
4 ferramentas. Elas conversavam enquanto trabalhavam. O mesmo valia para os filhos e pais e avós. Grupos de trabalho incluíam jovens e velhos. A tecnologia para o trabalho mudava lentamente. Quando as ferramentas quebravam, as pessoas podiam consertá-las. Podemos chamar isso de Ambiente de Trabalho 1.0.

7 Agora, vamos olhar para as escolas daquela época. Os estudantes aprendiam na terra, ao ar livre, em pequenos grupos. Eles não viajavam muito. Usavam simples ferramentas produzidas manualmente. O trabalho em grupo incluía jovens e velhos. Pais e avós frequentavam a mesma escola e aprendiam as mesmas coisas. Nós podemos chamar isso de Educação 1.0.

10 Quinze anos depois, o trabalho mudou. As pessoas foram trabalhar em fábricas, com ferramentas mecânicas. Elas trabalhavam em grandes grupos, mas sozinhas em suas máquinas. Todos faziam a mesma coisa e ao mesmo tempo, durante todo o dia. Eles não podiam conversar. Usavam papel e lápis e ficavam sentados em suas mesas. Eles não eram felizes e eram supervisionados de perto.  
13 Vamos chamar isso de Ambiente de Trabalho 2.0. Esse novo trabalho exigia um novo conjunto de habilidades e um novo tipo de cidadão.

16 E então as escolas mudaram para acompanhar as necessidades da nova economia industrial. Estudantes se formavam em grandes grupos, com a mesma idade. Eles ficavam em lugares fechados e trabalhavam de acordo com o relógio. Usavam ferramentas mecânicas, lápis e papel. Todos faziam a mesma coisa e ao mesmo tempo e eram supervisionados de perto. Vamos chamar isso de Educação 2.0.

19 Agora, vamos olhar para o trabalho de hoje, no ambiente 3.0, muito diferente das fábricas. A maioria das pessoas, atualmente, trabalha em pequenos grupos. Elas resolvem problemas juntas. Usam ferramentas digitais. Elas apresentam novas ideias para o outro. Robôs fazem trabalhos mecânicos. Elas trabalham com problemas que ninguém tinha visto antes. Elas devem recorrer à química,  
22 matemática, biologia, história e literatura para solucionar problemas. Elas devem reunir informações de várias fontes, a maior parte na rede de relacionamentos, chegando a muitos formatos diferentes. Elas devem ser multitarefas. Elas conversam umas com as outras. E usam ferramentas digitais para comunicação. Trabalham com um amplo círculo de pessoas, de todo o mundo. Vamos chamar isso  
25 de Ambiente de Trabalho 3.0.

A questão de hoje para nós é: “Como deve ser a Educação 3.0 para desenvolvermos crianças e cidadãos que precisamos formar para hoje e para amanhã?”. Qual é o seu sonho de Educação 3.0?

Jim G. Lengel. Educação 3.0. In: O Estado de S.Paulo. 7/11/2012 (com adaptações).

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens de **105 a 113**.

- |   |   |
|---|---|
| <p><b>105</b> A fim de conferir autoridade aos seus argumentos, o autor emprega majoritariamente uma linguagem técnica, com termos que advêm do jargão científico.</p> <p><b>106</b> No texto, o emprego reiterado dos pronomes pessoais “eles” e “elas” cumpre importante papel coesivo.</p> <p><b>107</b> A ideia central defendida pelo autor é a de que falta coerência entre a escola do século XXI e o mundo do trabalho do qual ela é contemporânea.</p> <p><b>108</b> A principal estratégia argumentativa do autor é explicitar as relações, em períodos históricos anteriores ao presente, entre a escola e o ambiente de trabalho.</p> | <p><b>109</b> O advérbio “Agora” (ℓ.19) refere-se de forma extratextual ao século XXI.</p> <p><b>110</b> Como forma de conferir maior fluidez aos seus argumentos, o autor lança mão de recursos textuais narrativos e descritivos ao tratar da relação ambiente de trabalho <i>versus</i> escola.</p> <p><b>111</b> Na oração “Elas trabalhavam em grandes grupos, mas sozinhas em suas máquinas” (ℓ.10-11), há uma ambiguidade estrutural que pode ser interpretada como contradição.</p> <p><b>112</b> Ao dirigir-se ao leitor no último parágrafo do texto, o autor emprega a função referencial da linguagem, cujo objetivo é referir-se ao seu interlocutor, incentivando-o a tomar partido de uma opinião expressa no texto.</p> <p><b>113</b> Na linha 21, o termo “mecânicos” poderia ser substituído, sem prejuízo dos sentidos do texto, por <b>mecanicamente</b>.</p> |
|---|---|

**Elegia 1938**

- 1 Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,  
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.  
Praticas laboriosamente os gestos universais,
- 4 sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.  
Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,  
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a concepção.
- 7 À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze  
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.  
Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra
- 10 e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.  
Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina  
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.
- 13 Caminhas entre mortos e com eles conversas  
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.  
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.
- 16 Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.  
Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota  
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
- 19 Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição  
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.

Carlos Drummond de Andrade. **Sentimento do Mundo**. Cia das Letras, 2013.

A partir da leitura do texto “**Elegia 1938**”, julgue os itens a seguir.

- 114 Os termos “concepção” (v.6) e “aniquilamento” (v.9) pertencem a campos semânticos distintos no contexto do poema.
- 115 Em termos gerais, um dos tipos textuais mais presentes no poema, a despeito do lirismo, é a narração.
- 116 Sem prejuízo para os sentidos do texto, a expressão “sem alegria” (v.1) poderia ser substituída pelo advérbio **lamentavelmente**.
- 117 Depreende-se do texto que há uma disposição predominantemente otimista do eu-lírico em relação ao “outro século” (l.18) que virá.
- 118 O emprego reiterado dos verbos na segunda pessoa do singular reforça a coerência do texto como um todo, uma vez que acentua a sua consistência de diálogo.
- 119 A expressão “Grande Máquina” (v.11) é uma clara referência, em forma conotativa, à Revolução Industrial.
- 120 A expressão “Coração orgulhoso” (v.17) exerce, no contexto do poema, função metonímica.





**cespeUnB**

Centro de Seleção e de Promoção de Eventos